



Acta Scientiarum. Language and Culture
ISSN: 1983-4675
ISSN: 1983-4683
actalan@uem.br
Universidade Estadual de Maringá
Brasil

Fantástico e psicanálise: relações históricas e discursivas

Rabelo, Fabiano Chagas; Martins, Karla Patrícia Holanda; Danziato, Leonardo José Barreira

Fantástico e psicanálise: relações históricas e discursivas

Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 41, núm. 1, 2019

Universidade Estadual de Maringá, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307460649011>

DOI: <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v41i1.43128>

Fantástico e psicanálise: relações históricas e discursivas

Fantastic and psychoanalysis: historicals and discursive relationships

Fabiano Chagas Rabelo

Universidade Federal do Piauí, Brasil

fabrabelo@edu.ufpi.br

DOI: <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v41i1.43128>

Redalyc: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307460649011>

Karla Patrícia Holanda Martins

Universidade Federal do Ceará, Brasil

Leonardo José Barreira Danziato

Universidade de Fortaleza, Brasil

Recepção: 02 Junho 2018

Aprovação: 08 Outubro 2018

RESUMO:

Esclarece-se os pressupostos de uma proposta de interlocução entre psicanálise e literatura fantástica por meio do mapeamento da rede de trocas que se estabeleceu entre esses dois campos ao longo dos últimos 140 anos. A partir do resgate das definições e cronologias do fantástico, desenha-se um quadro esquemático de suas diferentes fases e vertentes, ao mesmo tempo que se estabelece um paralelo com a história da psicanálise e alguns de seus fundamentos teóricos e éticos. Indica-se como elementos comuns mais relevantes: o tensionamento e a proximidade com o discurso científico e a tradição romântica, a ênfase na sexualidade e na divisão psíquica, a interrogação de uma racionalidade totalizante e a valorização de uma modulação estética da angústia e do fenômeno do estranho. Ao final, questiona-se o estado atual dessa relação, destacando-se algumas contribuições que a literatura fantástica pode oferecer à investigação clínica psicanalítica.

PALAVRAS-CHAVE: romantismo, ciência, angústia, estranho.

ABSTRACT:

The presuppositions of a proposal of a interlocution between psychoanalysis and fantastic literature are clarified through the mapping of the exchange network established between these two fields over the last 140 years. From the rescue of the definitions and chronologies of the fantastic, a schematic picture of its different phases and aspects is drawn, while at the same time a parallel with the history of psychoanalysis and some of its theoretical and ethical foundations is established. The most common and relevant features between the two fields are: the tension and closeness to scientific discourse and romantic tradition, the emphasis on sexuality and psychic division, the inquiry of a totalizing rationality and the use of an aesthetic modulation in relation to the anguish and the phenomenon of the uncanny. In the end, the current state of relations between these two fields is questioned, emphasizing some contributions that fantastic literature can offer to psychoanalytic clinical research.

KEYWORDS: romanticism, science, anguish, uncanny.

INTRODUÇÃO

Referindo-se a Hoffmann, Calvino (2004, p. 49) afirma: “A descoberta do inconsciente ocorre precisamente aqui, na literatura romântica fantástica, quase cem anos antes que lhe seja dada uma definição teórica”.

Embora discordando dessa assertiva, somos positivamente provocados por ela. Se, por um lado, a relação entre esses dois campos não pode ser reduzida a uma lógica que parta de lugares como precursor e sucessor, uma vez que o percurso freudiano não é redutível a uma transposição imediata da experiência literária promovida por Hoffmann para o campo da clínica; por outro lado, faz-se necessário admitir que a literatura fantástica testemunha uma conjuntura social e epistêmica que deixou marcas significativas na constituição da psicanálise.

No âmbito da teoria literária, a apreciação desse vínculo oscila entre pontos de vista diametralmente opostos. Para Tavares (2007), são discursos que cultivam entre si uma rica e diversificada rede de trocas; já com Todorov (2012), essa relação é de disjunção e exclusão mútua. De todo modo, alguns conceitos psicanalíticos são frequentemente evocados no debate sobre o fantástico (Ceserani, 1999; Bellemin-Noël, 2001; Jackson, 2001; Roas, 2014).

Do exposto, este artigo visa situar os pressupostos estilísticos e teóricos de uma proposta de interlocução entre psicanálise e literatura fantástica. Ele se propõe mapear as relações que se estabeleceram entre esses dois campos ao longo dos últimos 140 anos, período que vai da pré-história da psicanálise até hoje, pontuando alguns de seus aspectos históricos, epistêmicos e estéticos mais significativos. Todavia, para que isso ocorra, faz-se necessário recuar no tempo com o intuito de explicitar o contexto de emergência da literatura fantástica.

Inicialmente são elencadas as diferentes definições do fantástico. Seus avatares e etapas são detalhados ao mesmo tempo que se estabelece algumas conexões com a psicanálise, ressaltando-se os principais elementos comuns aos dois campos. Ao final, alicerçado nos subsídios recolhidos, pergunta-se sobre a especificidade de uma inflexão do fantástico a partir do final do século XX e o estado atual das suas relações com a psicanálise.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, no âmbito da psicanálise em extensão (Lacan, 2003), que dialoga com a literatura fantástica e a teoria literária. Adota-se uma orientação centrífuga (Siruela, 2013) ao se interrogar a literatura fantástica. O fantástico é entendido como um fenômeno cultural que produz reverberações no social, ao mesmo tempo que testemunha e antecipa suas mutações.

As fontes utilizadas são artigos indexados nas plataformas eletrônicas – Pepsic, Scielo, Capes-Periódicos e BVS-saúde –, além de livros de escritores literários e de teóricos do fantástico e da psicanálise (Freud, Lacan e comentadores). Diferentes coletâneas de textos fantásticos como as de Calvino (2004), Costa (2006), Tavares (2007), Siruela (2013) e Borges, Ocampo, e Casares (2013) serviram de referência para a eleição dos escritores literários comentados. Buscou-se também uma fundamentação em textos que se dedicam a relação entre psicanálise, cultura e clínica como os de Rouanet e Rancière (2009) e Loureiro (2000).

O FANTÁSTICO EM SENTIDO AMPLO

Para discutir a relação entre psicanálise e literatura fantástica, faz-se necessário inicialmente construir um esboço das principais teorias que definem essa última. Nessa tarefa, parte-se da advertência de Carneiro (2006, p. 9), que vaticina uma “[...] absoluta rebeldia do fantástico a uma classificação categórica”. Dito isso, esta exposição está organizada em dois blocos, conforme a distinção proposta por Alazraki (2001), que sugere duas tendências quanto à definição do fantástico: em sentido lato e estrito. Iniciamos com o primeiro grupo, que qualifica o fantástico como uma narrativa do fantasiar e da imaginação.

Borges (2009) talvez seja um dos principais expoentes dessa proposta. Ele faz remontar a origem do fantástico às narrativas orais mais arcaicas – os mitos, épicos e cosmogonias – e à atividade de sonhar, situando-o como anterior ao advento da própria escrita. Por isso, ele se opõe à tese de que o realismo na história da literatura antecede à ficção imaginativa. Também critica a concepção de que a literatura fantástica deveria ser necessariamente prosaica e abster-se de apólogos e silogismos. Por isso, na antologia compilada por Borges et al. (2013), há textos de tradições culturais longínquas – seja no tempo ou no espaço – como também contos atuais, alguns da pena dos próprios organizadores. Essa mesma orientação é seguida por Siruela (2013) e Costa (2006) ^[1].

Endossando parcialmente a tese de que o fantástico é uma literatura do fantasiar, mas, ao mesmo tempo, relativizando a radicalidade da definição de Borges, Casares (2013) busca delimitar algumas de suas qualidades mais marcantes. O fantástico é então descrito como uma literatura que cultiva uma ambiência propícia ao medo e que arquiteta como ponto culminante de sua narrativa a irrupção de um fato inesperado, aparentemente inexplicável. Após listar algumas das temáticas mais recorrentes, Casares qualifica três tipos

de fantástico a partir do modo como esse evento central da história é abordado: se a sua justificação é lógica, sobrenatural ou ambígua. Nesse caso, quando se apresenta uma explicação lógica, mas, simultaneamente, insinua-se a intervenção de forças sobrenaturais.

É digno de nota o comentário que Casares faz da obra do escritor inglês H. G. Wells (1866-1946), na qual reconhece uma estratégia de conciliação entre realismo e fantasia. Segundo ele, Wells produz no leitor um sentimento cotidiano de segurança e familiaridade para, em um segundo momento, confrontá-lo com a aparição súbita de algo inóspito e absurdo. Assim, a estratégia mimética serve de preâmbulo para acentuar um efeito de contraste desencadeado pela apresentação de um fenômeno anômalo.

Calvino (2006) adota uma posição próxima à de Casares. Ele define o fantástico a partir de sua estrutura, que compara a um cristal: no centro se assenta um fato extraordinário de onde partem linhas de ranhuras que compõem o enredo. Dessa forma, todos os caminhos da história convergem para um ponto, que é abordado de diferentes ângulos. Decorre daí a valorização do contraditório e da hesitação, que incita de forma moderada o afeto de angústia no leitor.

Vale ressaltar a semelhança da metáfora de Calvino com a de Freud (1997l), quando afirma que as vias de formação do sintoma seguem, como em um cristal, as fissuras da constituição psíquica de cada pessoa. É possível propor daí um paralelo entre a irrupção da surpresa no texto fantástico e a abordagem das produções do inconsciente pela psicanálise: há um núcleo estranho, opaco e evasivo na estrutura desse cristal que é visado tanto lá como aqui. No entanto, deve-se admitir que, em cada caso, vigoram objetivos e estratégias específicas.

Alguns teóricos como Roas (2014) tendem a interpretar essa ênfase na fantasia defendida por Borges como uma subvalorização da influência do realismo. Segundo ele, a principal característica da literatura fantástica está na produção de uma ameaça à realidade e de suas referências cotidianas. Conclui daí que é necessário que o real, de alguma forma, seja acalentado no seio da história, o que, para ele, está em contradição com o cultivo de uma autonomia da fantasia.

É pertinente, todavia, ponderar que a desconsideração à realidade talvez não seja uma implicação necessária dos argumentos de Borges (2009). Ao invés de pregar uma narrativa desprovida de referências à realidade, o escritor argentino subverte a relação entre realismo e ficção, evidenciando a impossibilidade de um realismo puro e de uma ficção onde a realidade esteja ausente.

A apreciação dessa questão passa por um longo e intrincado debate em torno do estatuto da realidade e suas possibilidades de representação (Nandorfy, 2001). Restringimo-nos ao comentário de um argumento trazido por Le Guin (2013) acerca das raízes etimológicas da palavra fantasia. Para a autora, a depender da tradição que lhe sirva de referência, esse termo pode designar tanto uma condição de garantia de acesso ao real como a negação da realidade ou o afastamento dela pela via da ilusão e do erro. Conclui-se que a oposição entre realidade e ilusão presente na apreciação teórica da temática da fantasia evidencia o que Freud (1997e) denomina origem antitética das palavras. Isto é, que os dois polos supostamente antagônicos participam da significação desse termo, compondo, por assim dizer, duas faces da mesma moeda.

Essa ambiguidade da palavra fantasia está no cerne da explicação do aparelho psíquico da primeira tópica. Nele, o acesso ao mundo não se dá de forma instantânea, sem mediações. Para Freud (1997f), o fato de sermos seres desejantes e de linguagem precede e condiciona o modo como apreendemos a realidade. Assim, no funcionamento psíquico, a realidade é visada, mas apenas indiretamente, na medida em que possibilita a satisfação de um impulso libidinal, pela conjunção de um traço perceptivo atual com um traço mnêmico inconsciente. Como consequência, a experiência da realidade se revela, em última instância, a atualização de fragmentos de uma experiência de satisfação perdida.

Seguindo o rastro dos fenômenos que estão na soleira entre uma realidade objetivada – exterior e compartilhada – e outra, psíquica – subjetiva, portanto –, Freud, assim como diversos escritores fantásticos, dedica-se à investigação dos sonhos (Freud, 1997b), dos devaneios (Freud, 1997d), da sugestão (Freud, 1997a), da telepatia (Freud, 1999; 1997k) e das paramnésias (Freud, 1997h). Isto é, lembranças falseadas e impressões de já se ter vivido, contado ou visto uma situação atual. O comentário do romance *Gratiana*, de W.

Jensen (1837-1911), constitui uma aplicação marcante dessa concepção do aparelho psíquico na interlocução com a literatura (Freud, 1997c).

É lícito afirmar daí que tanto para a psicanálise como para a literatura fantástica vigora um descompasso entre aquilo que é percebido e seu referente concreto. Daí a necessidade contínua de um esforço de julgamento e retificação da realidade tal como ela se apresenta num dado instante. Conclui-se então que as formações do inconsciente e o efeito estético do fantástico na literatura são, por assim dizer, resíduos desse processo psíquico de depuração da realidade objetiva. Isso nos permite refutar interpretações que imputam à psicanálise e à literatura fantástica uma atitude de desconsideração à materialidade dos fatos. Logo, o problema inerente à abordagem da fantasia deve ser colocado em outros termos, a partir do reconhecimento no processo de apreensão da realidade de um núcleo opaco, radical e irreduzível.

O FANTÁSTICO EM SENTIDO ESTRITO

Há uma diversidade de explicações que são gestadas pelos autores que se alinham em torno de uma definição histórica, mais circunscrita, do fantástico. É possível reconhecer aqui algumas zonas de consenso, mas também muitas discordâncias. As teses de consenso são mais fáceis de resumir. Todorov (2012), Ceserani (1999) e Roas (2014) concordam em situar o nascimento do fantástico a partir do romance gótico inglês, no final do século XVIII. Da mesma forma, reconhecem que o fantástico sofreu fortes influências do discurso científico, sem o qual não teria existido, e do romantismo, que lhe enriqueceu e o complexificou. Eles também concordam em reconhecer o apogeu do fantástico na segunda metade do século XIX.

As divergências, por sua vez, exigem uma exposição mais longa. Todorov (2011; 2012), na sua tese mais polêmica, defende que o fantástico desapareceu na primeira metade do século XX. Segundo ele, a psicanálise contribuiu de forma decisiva para esse fim prematuro, uma vez que, para o autor, ela atua como uma modalidade discursiva concorrente, que anula o efeito estético almejado pelo fantástico.

Ceserani (1999), Roas (2014) e Tavares (2007), em oposição a Todorov, defendem a sobrevivência do fantástico nos dias atuais. Para eles, após o século XX o fantástico sofreu uma série de transformações, tanto de seus expedientes retóricos como de suas temáticas, o que dificultou o seu reconhecimento a partir das categorias tradicionalmente aceitas. Advertem que um fator que pode erroneamente corroborar a hipótese do desaparecimento do fantástico é a sua diluição em outros gêneros literários e produtos culturais (Tavares, 2007; Roas, 2014).

Nessa discussão, o nome de Todorov desponta como uma referência de destaque na definição do fantástico em sentido estrito. Deve-se assinalar, contudo, que ele não é um pioneiro nessa seara. As primeiras definições do fantástico datam do começo do séc. XIX, na França, com Marmotel, Nodier e Gautier (Batalha, 2003), mas é apenas no pós-guerra, no final da primeira metade do século XX, que ocorre um esforço mais sistemático e difundido para conceituá-lo. Assim, o livro de Todorov sobre o fantástico, cuja primeira edição data do final da década de 1960, agrega e enriquece o legado de autores que o antecederam tais como Castex, Vax e Caillois (Ceserani, 1999; Machado, 2013; Roas, 2014; Manna, 2014b). De todo modo, é notório o valor de sua obra para a consolidação do fantástico como campo de estudo. Por isso, apresenta-se a seguir os pontos centrais de sua tese.

Para Todorov (2011; 2012) o cerne do fantástico deve ser localizado em um efeito de hesitação agenciado no nível do leitor implícito. Trata-se de um conceito proposto por W. Iser (1996) que identifica no interior do próprio texto a delimitação de uma intenção ou perspectiva de leitura. Essa proposta diferencia-se da ideia de leitor real, pois nela a interpretação não é totalmente dependente do horizonte subjetivo do leitor. Assim, segundo Todorov (2011; 2012), há uma posição específica a ser ocupada pelo leitor ao interagir com o texto, o que torna possível qualificar a literatura fantástica como um gênero literário. Por isso, sua perspectiva metodológica é considerada formal e estruturalista (Gama-Khalil, 2013; Roas, 2014).

Todorov (2012) explicita daí o que considera as principais características da literatura fantástica: 1) a produção no leitor de uma vacilação de julgamento entre dois modos de explicações disjuntos, um sobrenatural e outro racional; 2) a duplicação do lugar ou função da narrativa; 3) o uso do imperfeito e do modal; 4) a presença de sobre-determinações, ambiguidades e lacunas e 5) a tendência para constituir híbridos com outros gêneros limítrofes.

A primeira das características elencadas é o traço principal e necessário. Segundo Todorov, um texto fantástico deve ser capaz de transformar, ainda que provisoriamente, o sentimento de apreensão da realidade, possibilitando que fenômenos até então percebidos como absurdos ou irracionais sejam tratados como experiências portadoras de uma verdade. Para isso, faz-se necessário pressupor um leitor fortemente arraigado no discurso científico moderno que se depara com situações pungentes, aparentemente sobrenaturais, que não podem ser desconsideradas e que põem à prova a sua capacidade de explicar racionalmente os fatos.

Uma vez findada essa hesitação, o fantástico deriva para os gêneros com os quais mantêm relações fronteiriças: o estranho e o mágico. No primeiro caso, quando, com o desenrolar da narrativa, o evento supostamente sobrenatural é reduzido a uma explicação racional/científica. No último, quando o leitor é levado a suspender o questionamento sobre a adequação à realidade daquilo que lhe é contado. Consequentemente, a existência do fantástico depende da manutenção de um tênue e fugaz estado de dúvida e indeterminação. Todorov também exclui do campo do fantástico textos alegóricos e poéticos sob o argumento de que esses recursos valorizam a retórica em si mesma, relegando para segundo plano a intenção de produzir uma tensão entre representação e realidade.

A curta vida do fantástico (um século aproximadamente) e o seu fugaz apogeu são evidências para Todorov (2012) da fragilidade das condições que lhe franquearam a existência, uma vez que, de acordo com sua concepção, o fantástico só perdura enquanto vigora a oscilação do leitor entre uma interpretação mágica (sobrenatural) e uma estranha (excêntrica, mas racional e empírica).

A tese de que o fantástico como gênero literário desapareceu na primeira metade do século XX é justificada em função da influência da psicanálise na cultura. Segundo Todorov, com o advento da psicanálise, a oscilação de julgamento proporcionada pelo fantástico, ao invés de ser vivenciada como uma tensão entre fantasia e realidade, transforma-se em um conflito internalizado, significado no campo da realidade psíquica do inconsciente.

Esse argumento retorna com Calvino (2004) décadas depois. Embora acredite na perpetuação da literatura fantástica para além do limite estipulado por Todorov, Calvino propõe que há no leitor da atualidade uma espécie de embotamento em relação aos efeitos perturbadores dos textos fantásticos. Para ele, a referência ao inconsciente é fundamental para o agenciamento de um modo de leitura que produz um excesso de sentido onde antes prevalecia o enigma e a indeterminação. Com isso, Calvino insinua a prevalência de uma forma diferenciada de leitura dos textos fantásticos na atualidade.

Essa tese de Todorov também é objeto do comentário de Kon (2006, p. 130). Para ela, a ideia de que houve uma substituição do fantástico pela psicanálise foi primeiro apresentada por Caillois, para quem a psicanálise é responsável pelo surgimento de uma “[...] ficção submetida aos poderes da ciência”, que opera um efeito de desencantamento do mundo. Mesmo discordando desta tese, vale destacar um argumento que Kon resgata de Todorov. Segundo ela, tanto a psicanálise como a literatura fantástica são expressões de uma má consciência do discurso científico moderno (Todorov, 2011).

Do exposto, é possível reconhecer um ponto de convergência nas críticas dirigidas a Todorov. Roas (2014), Ceserani (1999) e Manna (2014a), por exemplo, apontam uma rigidez da definição todoroviana que dificulta o reconhecimento das diferentes roupagens que a literatura fantástica é capaz de assumir. Tal insuficiência se intensificou nas últimas décadas em função das rápidas atualizações que o fantástico sofreu.

Ceserani (1999), seguindo o projeto de flexibilização dos critérios todorovianos, propõe que o fantástico pode ser entendido com mais precisão como um modo de fazer literatura ao invés de um gênero literário. Nessa mesma direção, Gama-Khalil (2013) define o fantástico como um território heterogêneo,

interdisciplinar e plural. Batalha (2012), por sua vez, propõe que o fantástico constitui um macrogênero literário que abriga diferentes tendências.

Roas (2014), apesar de defender a ideia do fantástico como gênero literário, assume parte dos argumentos de Ceserani e Gama-Khalil, uma vez que ele também considera o fantástico um território heterogêneo e plural. Por isso, propõe uma abordagem metodológica que denomina caleidoscópica, valendo-se de diferentes olhares e teorias para interrogar a literatura fantástica. Para ele, o caráter distintivo do fantástico é a transgressão da realidade, que, em última instância, remete a uma pragmática do texto na sua relação com a cultura, a linguagem e a ciência. Além disso, designa a produção do medo como uma característica necessária – mas não exclusiva – do fantástico.

Nesse ponto se evidencia de modo mais pungente os agenciamentos recíprocos entre psicanálise e a literatura fantástica. Se o texto de Hoffmann é crucial para que Freud (1997i) avance no refinamento de sua teoria da angústia e do narcisismo, em um segundo momento a tese freudiana sobre o estranho/inquietante vai comparecer como referência recorrente entre os teóricos do fantástico (Ceserani, 1999; Bellemin-Noël, 2001; Jackson, 2001; Tavares, 2007). Por isso, diferentemente da opinião de Todorov e Caillois acima explicitada, há autores, como Tavares (2007), que sustentam que entre psicanálise e literatura fantástica vigora relações que não são de oposição ou exclusão, mas de intensa interlocução: “Fantástico e Inconsciente são vasos comunicantes” (Tavares, 2007, p. 16).

Uma vez aceita a sobrevivência do fantástico na atualidade, a sua definição em sentido estrito, seja como (macro)gênero literário ou modo de fazer literatura, remete então à possibilidade de diferenciação de etapas ou tendências a partir da influência de determinadas matrizes estéticas e epistêmicas. Cabe perguntar daí como se coloca a relação entre psicanálise e literatura fantástica nesses diferentes momentos históricos e estilísticos.

FASES DA LITERATURA FANTÁSTICA

Como já mencionado, uma condição necessária para o surgimento do fantástico em sentido estrito está no Iluminismo, que suplanta uma visão de mundo dominante no ocidente durante a Idade Média. Até então prevalecia uma concepção teológica, platônica/aristotélica do universo, entendido como fechado, concêntrico e habitado por forças transcendentais. A partir do século XVII ocorre paulatinamente a passagem para um modelo fisicalista e matematizado da natureza (Ceserani, 1999; Koyré, 2006), que impacta na percepção que o homem tem de si e dos outros.

Apesar dessa mudança de paradigma, as entidades transcendentais que dominavam as narrativas preteridas não desaparecem. Ainda que tenham perdido a prerrogativa de referência privilegiada, elas continuam a existir à margem da retórica oficial, relegadas ao plano da literatura, da ficção, das superstições, da loucura e do pensamento infantil (Ceserani, 1999). É possível reconhecer nessa lista os fenômenos localizados na franja da razão pelos quais Freud se interessa no curso de sua investigação clínica (Loureiro, 2000; Mezan, 2014) e que constituem temas privilegiados da literatura fantástica.

Nesse contexto, no fim do século XVIII, na Inglaterra, H. Walpole (1717-97) escreve *O Castelo de Otranto* (Walpole, 1996). Segundo a maioria dos teóricos, esse livro constitui a primeira semente do fantástico em sentido estrito (Ceserani, 1999; Machado, 2013; Roas, 2014; Manna, 2014b). Trata-se da obra fundadora e mais representativa do chamado romance gótico. Apesar de inglês, Walpole – na contramão do projeto iluminista que apregoa o esclarecimento pela razão – escolhe como cenário para sua estória o ambiente lúgubre e escuro de um castelo medieval italiano. Seu livro, assinado por um pseudônimo, adota a narrativa em primeira pessoa e assume o relato de uma vivência factual. Esse expediente contribui para dar acolhida às entidades sobrenaturais da Idade Média, sem, contudo, abandonar uma atitude racional tipicamente moderna.

Segundo Batalha (2012), dois textos são representativos do desenvolvimento do fantástico a partir do romance gótico inglês: *O diabo Apaixonado*, do francês J. Cazzote (1719-1792), e *O Manuscrito Encontrado em Saragoza*, do polonês J. Potocki (1761-1815). Neles, estão presentes recursos narrativos semelhantes ao de Walpole. O diferencial deles é que prescindem do cenário dos castelos góticos para produzir uma ambiência soturna, valendo-se para tanto de outros expedientes.

Um passo importante que leva à conformação do fantástico está na influência da literatura romântica. Segundo Loureiro (2000), o Romantismo é fruto da modernidade e, ao mesmo tempo, uma reação a ela. Trata-se de uma tentativa de restituição de um ideal de totalidade e transcendência que na Idade Média era agenciado pela referência a Deus. Após o advento do iluminismo, a realização de um ideal de vida se desloca da fé e da devoção religiosa para a busca das paixões e dos prazeres terrenos.

É necessário, contudo, marcar uma inflexão na apropriação da influência romântica pelo fantástico. Se no Romantismo a ênfase recai na esperança de um encontro amoroso totalizante, ainda que sempre adiado (Loureiro, 2000; 2002); na literatura fantástica o destaque está nos sentimentos associados à separação, à perda, à dúvida e ao estranhamento. Nesta prepondera o interesse pelas distorções e perversões de eros; naquele, na sua dimensão sublimada (Ceserani, 1999). A partir daí, temas mais cotidianos e concretos são introduzidos na literatura fantástica, fato que tornou menos frequente as referências diretas ao sobrenatural e às figuras demoníacas.

Segundo Batalha (2003; 2012), o alemão E. T. A. Hoffmann (1776-1822) é o principal artífice dessa transição. Sua obra, escrita no início do século XIX, repercute amplamente no ambiente literário francês, consolidando a marca do romantismo na literatura fantástica desse país e, num segundo momento, do mundo. Por isso, a maioria dos críticos tende a situar na segunda metade do século XIX a época áurea da literatura fantástica (Calvino, 2004; Costa, 2006), quando se destacam autores como Baudelaire (1821-1867), Mérimé (1803-1870), Gautier (1811-1872) e Maupassant (1850-1893).

Trata-se também, é importante frisar, do período onde se situa a pré-história da psicanálise. Para melhor situar essa conexão entre o advento da psicanálise e o espírito literário de seu tempo, justifica-se a realização de uma pequena digressão. O século XIX é apontado por Rancière (2009) como o período no qual se processa uma silenciosa revolução cultural, que engendra um novo regime de compreensão das artes. Tal regime, por sua vez, apoia-se em um modo diferenciado de situar o homem e seu *cogito*. Doravante, é posto em evidência o problema de um pensamento intimamente relacionado a um modo de sentir, que se mostra refratário à transposição em palavras e à apreensão pela consciência. Daí, para o autor, a proximidade entre o Inconsciente e o campo das artes, haja vista que ambos colocam em questão a relação entre *logos* e *pathos*, entre o pensamento representativo e o sensível. Com isso, Rancière situa Maupassant – ao lado Zola, Ibsen e Strindberg – como figuras emblemáticas desse contramovimento cultural no qual “[...] o nascimento da psicanálise se inscreve historicamente” (Rancière, 2009, p. 33).

Essa tese de Rancière acompanha Foucault (2000), que, no mesmo período citado, localiza uma mudança de regime representacional, que demarca a passagem da episteme clássica para a moderna. A partir daí, as palavras conquistam uma autonomia em relação às coisas que não possuíam até então, desencadeando significativas transformações no campo da literatura, da arte e da ciência. Tal fato produz as condições de possibilidade para o surgimento tanto das ciências humanas, por um lado, como da psicanálise, de outro.

A partir dessa rápida contextualização, é relevante sublinhar a influência que a psicanálise recebe da literatura fantástica de língua francesa e alemã. Se o comentário do *Sandmann*, de Hoffmann (2007), constitui a linha mestra do trabalho de Freud (1997i) sobre o estranho; a influência do fantástico francês, por sua vez, é menos explícita.

Quinet (2005) e Kon (2003) exploram no campo da ficção a relação entre Maupassant e a formação intelectual de Freud no final do século XIX, imaginando o encontro entre os dois, fato que provavelmente nunca aconteceu, apesar de terem sido contemporâneos e habitado Paris na mesma época. Nos dois casos, os autores reconstroem o ambiente cultural e histórico que conecta a pré-história da psicanálise à literatura

fantástica em seu ápice na França. Nesse contexto, vale destacar que os temas da hipnose, da sugestão e do mesmerismo – frequentes nos textos de Freud (1997a), principalmente nas décadas de 1880 e 1890 – comparecem inicialmente na literatura fantástica – como em Poe (2013) e Maupassant (2015).

Dostoiévski (1821-1891) é outro autor citado por Freud (1997j) que realiza uma significativa incursão pela literatura fantástica. Apesar de seus escritos fantásticos não constarem entre suas obras mais célebres, é digno de nota a apreciação que o escritor russo faz desse filão literário (Dostoiévski, 2015). Ele tece elogios a uma narrativa em primeira pessoa, situada no limiar entre realidade e ficção, que oscila entre diferentes modos de endereçamento, favorecendo a expressão de uma verdade psicológica. É ainda digno de nota a problematização que realiza da temática do duplo (Dostoiévski, 2013), que, em Freud (1997i), compõe parte importante de sua descrição do fenômeno do estranho/inquietante.

Além dos já citados Hoffmann, Maupassant e Dostoiévski, outro autor que se dedicou à escrita de textos fantásticos e que influenciou intensamente Freud, sendo inclusive mencionado em uma correspondência endereçada a Fliess em 12 de outubro de 1892 (Masson, 1986), é o anglo-indiano R. Kiepling (1865-1936). Ele é apontado por Rouanet (2003) como uma importante inspiração, ao lado de Hoffmann, para a formulação do conceito de estranho/inquietante.

Esse pico de refinamento e popularidade da literatura fantástica no final do século XIX também constitui um ponto de virada: transformação para alguns; decadência para outros. Calvino (2004) propõe a distinção de dois momentos do fantástico: o visionário e o cotidiano. O primeiro, mais característico do século XVIII e de boa parte do XIX, possui como marca principal o uso explícito de fantasmagorias imagéticas: monstros, espectros e figuras do além. Já no final do século XIX e começo do XX, os escritores mostram-se mais comedidos quanto ao uso desses expedientes. Doravante, o inusitado é apenas sugerido a partir de situações do dia a dia, deixando ao leitor a tarefa de intuí-lo.

Roas (2014) segue a mesma linha de raciocínio ao propor como característica distintiva do fantástico até o século XIX a predominância de uma ruptura da realidade no plano da percepção. A partir do século XX, a transgressão passa ao plano da linguagem, por meio de uma indeterminação sintática, de “[...] uma irresolúvel falta de nexos entre os diferentes elementos do real” (Roas, 2014, p. 150). Doravante torna-se mais recorrente o uso de alegorias, metáforas, ambiguidades e outros expedientes retóricos. Para esse autor, até o século XIX o fantástico apoiava-se em um sentimento de consistência da realidade, que sofria um abalo pela emergência de um evento sobrenatural. Já a partir do século XX, essa inconsistência é vivida no interior da própria realidade, que já se apresenta como fragmentada de antemão.

O fantástico no século XX também é atravessado pela influência dos movimentos de vanguarda, como o surrealismo e o modernismo (Tavares, 2007). Plon e Roudinesco (1998) destacam como esses movimentos beberam da fonte da psicanálise, por meio da valorização das expressões do inconsciente e da escrita automática. Em sentido inverso, Roudinesco (1994) ressalta a apropriação de elementos do surrealismo pela psicanálise, especialmente na França, com Lacan.

Há aqui mais uma vez uma série de transformações na estética e na temática do fantástico. Esse é também o momento de descentramento geográfico do fantástico com o surgimento de uma leva de autores latino-americanos tais como Borges, Gabriel Garcia Márquez e Cortázar. Um desdobramento importante do fantástico é o realismo fantástico, também denominado realismo mágico ou maravilhoso. Sua inspiração remonta às artes plásticas, ao movimento pós-expressionista alemão da década de 1920, cujo principal articulador é Franz Roh (Schöllhammer, 2004). A obra de Roh é, décadas depois de publicada pela primeira vez, traduzida e reinterpretada pelo escritor caribenho Carpentier, sendo transposta para o ambiente literário latino-americano. Nesse momento, assume a forma de um projeto estético e político que propunha o resgate das tradições e mitos populares relegados ao segundo plano em decorrência de uma política colonialista que pregava a assimilação dos padrões culturais europeus. Carpentier esforça-se então em promover uma ampliação da realidade por meio da apropriação da linguagem do dia-a-dia e das crenças locais. Tal fato exigiu, por sua vez, a superação do realismo histórico tradicional, sem, contudo, abdicar de algumas de

suas características. Surge daí uma narrativa sincrética e híbrida, que reequaciona a relação entre fantasia e realismo, forçando-a dessa vez em direção ao pólo do mágico/maravilho (Fernández, 2001).

Na segunda metade do século XX, Alazraki (2001), valendo-se do comentário de textos de Kafka (1883-1924) e Cortázar (1914-1994), propõe a distinção de um gênero literário que denomina neofantástico. Alazraki reconhece como traço distintivo desse gênero, em contraposição ao fantástico tradicional, a ausência de medo e uma atitude de desassombro no confronto com o extraordinário. Roas (2014), por sua vez, discorda dessa leitura, argumentando que a ideia de que em Kafka o efeito do fantástico prescinde do medo é falsa. Para ele, a análise de Alazraki exclui as reações afetivas do leitor, limitando-se ao que se passa no âmbito das personagens. Apesar da crítica, Roas aceita o argumento de Alazraki que indica uma inflexão do fantástico na segunda metade do século XX. No entanto, ele a localiza em um período mais tardio, justificando-a em função da interveniência de outros fatores. Sua tese é a de que a física quântica e a teoria da relatividade são as molas propulsoras dessa mudança. Tal fato, no entanto, segundo Roas, não é suficiente para se falar em um novo gênero literário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura fantástica e a psicanálise possuem muitas afinidades. Entre elas proliferam relações de mão dupla, capilarizadas e difusas. Desenhou-se três tempos diferenciados dessa relação: em um primeiro momento, a literatura fantástica testemunha um contexto cultural que propicia as condições para a emergência da psicanálise. Em um segundo tempo, a partir do final do século XIX, durante o seu ápice de popularidade, a literatura fantástica comparece direta e indiretamente no percurso freudiano. Logo depois, nas primeiras décadas do século XX, Freud redige textos que são posteriormente incorporados à definição do fantástico pela crítica literária. Há então um terceiro momento, quando as relações entre os dois campos se ramificam e se complexificam.

Destacou-se que a definição do fantástico como uma literatura da fantasia está em consonância com a descrição psicanalítica do aparelho psíquico, na qual o acesso à realidade aparece como uma aquisição secundária e sempre incompleta no curso do desenvolvimento (Freud, 1997f). A fantasia representa uma zona limítrofe e heterogênea do funcionamento psíquico que agrega ao mesmo tempo elementos da sintaxe do processo primário – sinônimo do princípio do prazer/desprazer – e do processo secundário, que se orienta pelo princípio da realidade. Em função disso, a ficção torna-se parte constitutiva da realidade psíquica. Trata-se da única forma de acesso à verdade subjetiva (Lacan, 2008), cujo núcleo traumático testemunha uma carência de significação radical do psiquismo. Lacan considera a fantasia como uma operação lógica de escrita do real, que equaciona desejo e realidade. O que quer dizer que a fantasia constitui a realidade, sustentando uma montagem do simbólico e do imaginário. Daí que, para Lacan, a fantasia vela e revela o real.

Como uma literatura que visa tocar algo do real, o fantástico produz modulações do afeto de angústia para engendrar uma fruição estética. Ele não visa restaurar uma totalidade identitária. Antes, incita o leitor a vivenciar um estado de indeterminação simbólica produtiva (Dunker, 2011), abrindo caminho para possibilidades diferentes de criação. Talvez esse seja o sentido da aproximação entre inconsciente e fantástico sustentada por Tavares (2007). Ambos interrogam os limites de uma racionalidade cartesiana e, como consequência, permanecem refratários a conceituações definitivas (Lacan, 1998a; Carneiro, 2006).

Outro ponto de aproximação está na relação que fantástico e psicanálise mantêm com o discurso científico. Apesar de Freud sustentar a inclusão da psicanálise no rol das ciências e de assumir a sua visão de mundo (Freud, 1997m), sustenta-se com Lacan (1998b) que há uma tensão entre a psicanálise e o projeto científico moderno no que tange à pretensão de produzir um conhecimento universal e neutro. Daí ser possível estender à psicanálise, como Kon propõe, a condição de má consciência da modernidade que Todorov imputa à literatura fantástica. Propõe-se então interpretar essa má consciência como a percepção – ainda que difusa – do retorno no real de uma dimensão desejante do sujeito foracluída pela ciência.

O fato de ambas serem herdeiras do Romantismo e de colocarem os impasses e paradoxos de Eros no cerne das experiências discursivas que engendram constitui outro elo importante. Cabe perguntar então como tal vínculo se apresenta hoje, levando-se em consideração as mudanças culturais e sociais impulsionadas pela tecnologia, a ciência e o capitalismo (Roas, 2014).

É necessário, contudo, estabelecer algumas diferenças entre a literatura fantástica e a psicanálise. Ainda que a práxis psicanalítica não exclua uma preocupação estética, entendida como um questionamento dos modos do sentir e do pensar (Rancière, 2009), seu objetivo principal é propiciar a perlaboração (*durcharbeiten*) e a superação das resistências pela atualização das manifestações do inconsciente (Freud, 1997g). Por outro lado, é possível que contingencialmente e pontualmente tais efeitos sejam desencadeados pela leitura de um texto literário, mas deve-se admitir que esse não é o seu objetivo principal.

Para concluir, defende-se que as dificuldades apontadas pela crítica literária em se definir o fantástico corrobora o fato de que esse gênero/modo literário está intensamente engajado em mobilizar determinados efeitos de sujeito com os quais a psicanalista se ocupa na sua clínica. Daí se considerar do interesse da psicanálise – e não apenas dos estudos literários – a investigação das mutações das sintaxes do fantástico e das estratégias por meio das quais a literatura conjura o sentimento do estranho. Logo, a análise dos modos de estruturação da literatura fantástica constitui uma valiosa via de acesso à subjetividade de nossa época. Considera-se ainda necessário indagar como a psicanálise contribui para a formação de uma atitude diferenciada de leitura dos textos fantásticos, como sugere Calvino (2004). Dito de outro modo, como o trabalho conceitual que o analista efetua a partir de seu ofício repercute na cultura, impactando em outros campos como a literatura e a estética.

REFERÊNCIAS

- Alazraki, J. (2001). Qué es lo Neofantástico? In D. Roas (Org.), Teorias de lo fantástico (p. 265-282). Madrid, ES: Arco/Libros.
- Batalha, M. C. (2003). A importância de E.T.A. Hoffmann na cena romântica francesa. Alea - Estudos Neolatinos, 5(2), 257-272. doi: 10.1590/S1517-106X2003000200008
- Batalha, M. C. (2012). Literatura fantástica: algumas considerações teóricas. Letras & Letras, 28(2), 481-506.
- Bellemin-Noël, J. (2001). Notas sobre lo fantástico (textos de Théophile Gautier). In D. Roas (Org.), Teorias de lo fantástico (p. 107-140). Madrid, ES: Arco/Libros.
- Borges, J. L. (2009). Sobre os sonhos e outros diálogos. São Paulos, SP: Hedra.
- Borges, J. L., Ocampo, S., & Casares, A. B. (2013). Antologia da literatura fantástica. São Paulo, SP: Cosac Naify.
- Calvino, I. (2004). Contos fantásticos do século XIX: o fantástico visionário e o fantástico cotidiano. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Calvino, I. (2006). Definições de territórios: o fantástico. In I. Calvino (Ed.), Assunto encerrado (p. 256-259). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Carneiro, F. C. (2006). Viagem pelo fantástico. In F. M. Costa (Org.), Os melhores contos fantásticos (p. 9-15). Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.
- Casares, A. B. (2013). Prólogo. In J. L. Borges, S. C. Ocampo, & A. B. Casares (Orgs.), Antologia da literatura fantástica (p. 9-19). São Paulo, SP: Cosac Naify.
- Ceserani, R. (1999). Lo fantástico. Madrid, ES: Visor.
- Costa, F. M. C. (2006). Os melhores contos fantásticos. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.
- Dostoiévski, F. (2013). O Duplo. São Paulo, SP: Editora 34.
- Dostoiévski, F. (2015). Duas narrativas fantásticas: a dócil e sonho de um homem ridículo. São Paulo, SP: Editora 34.
- Dunker, C. I. L. (2011). Mal-estar, sofrimento e sintoma: releitura da diagnóstica lacaniana a partir do perspectivismo animista. Tempo Social, 23(1), 115-136. doi: 10.1590/S0103-20702011000100006

- Fernández, T. (2001). Lo real Maravilloso de América y la literatura fantástica. In D. Roas (Ed.), *Teorías de lo fantástico* (p. 283-297). Madrid, ES: Arco/Libros.
- Foucault, M. (2000). *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Freud, S. (1997a). Psychische Behandlung (seelische Behandlung). In S. Freud (Ed.), *Studienausgabe*, v. *Ergänzungsband* (p. 13-36). Frankfurt, DE: S. Fischer.
- Freud, S. (1997b). Die Traumdeutung. In S. Freud (Ed.), *Studienausgabe* (Vol. II). Frankfurt, DE: S. Fischer.
- Freud, S. (1997c). Der Wahn und die Träume in W. Jensens *Gradiva*. In S. Freud (Ed.), *Studienausgabe* (Vol. X, p. 9-86). Frankfurt, DE: S. Fischer.
- Freud, S. (1997d). Dichter und das phantasieren. In S. Freud (Ed.), *Studienausgabe* (Vol. X, p. 169-180). Frankfurt, DE: S. Fischer.
- Freud, S. (1997e). Über den Gegensinn der Urworte. In S. Freud (Ed.), *Studienausgabe* (Vol. IV, p. 227-234). Frankfurt, DE: S. Fischer.
- Freud, S. (1997f). Formulierung über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens. In S. Freud (Ed.), *Studienausgabe* (Vol. III, p. 13-24). Frankfurt, DE: S. Fischer.
- Freud, S. (1997g). Erinnern, wiederholen, durcharbeiten: weitere Ratschläge zur Technik der Psychoanalyse II. In S. Freud (Ed.), *Studienausgabe*, v. *Ergänzungsband* (p. 205-215). Frankfurt, DE: S. Fischer.
- Freud, S. (1997h). Über fausse Reconnaissance (déjà réconté) während der psychoanalytischen Arbeit. In S. Freud (Ed.), *Studienausgabe*, v. *Ergänzungsband* (p. 231-238). Frankfurt, DE: S. Fischer.
- Freud, S. (1997i). Das Unheimliche. In S. Freud (Ed.), *Studienausgabe* (Vol. IV, p. 241-274). Frankfurt, DE: Fischer Verlag.
- Freud, S. (1997j). Dostojewski und die Vätertötung. In S. Freud (Ed.), *Studienausgabe* (Vol. X, p. 267-286). Frankfurt, DE: S. Fischer.
- Freud, S. (1997k). Neue folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse – 30. Vorlesung: traum und okkultismus. In S. Freud (Ed.), *Studienausgabe* (Vol. II, p. 472-495). Frankfurt, DE: S. Fischer.
- Freud, S. (1997l). Neue folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse – 31. Vorlesung: Die Zerlegung der psychischen Persönlichkeit. In S. Freud (Ed.), *Studienausgabe* (Vol. II, p. 496-516). Frankfurt, DE: S. Fischer.
- Freud, S. (1997m). Neue folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse – 35. Vorlesung: Über eine Weltanschauung. In S. Freud (Ed.), *Studienausgabe* (Vol. II, p. 586-608). Frankfurt, DE: S. Fischer.
- Freud, S. (1999). Psychoanalyse und telepathie. In S. Freud (Ed.), *Gesammelte werke* (Vol. XVII, p. 27-44). Frankfurt, DE: S. Fischer.
- Gama-Khalil, M. M. (2013). A literatura fantástica: gênero ou modo? *Terra Roxa e Outras Terras – Revista de Estudos Literários*, 26(2), 18-31. doi: 10.5433/1678-2054.2013v26p18
- Hoffmann, E. T. A. (2007). Der Sandman. In E. T. A. Hoffmann (Ed.), *Der sandmann/das fräulein von scuderi*. Köln, DE: Anaconda.
- Iser, W. (1996). *O ato da Leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo, SP: Editora 34.
- Jackson, R. (2001). Lo “oculto” de la cultura. In D. Roas (Ed.), *Teorías de lo fantástico* (p. 141-152). Madrid, ES: Arco/Libros.
- Kon, N. M. (2003). *A viagem*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Kon, N. M. (2006). Literatura fantástica e psicanálise. In D. Calderoni (Ed.), *Psicopatologia: clínicas de hoje* (p. 121-145). São Paulo, SP: Via Lettera.
- Koyré, A. (2006). *Do mundo fechado ao universo infinito*. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.
- Lacan, J. (1998a). O seminário - livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998b). Ciência e verdade. In J. Lacan (Ed.), *Escritos* (p. 496-533). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro sobre o psicanalista da escola. In J. Lacan (Ed.), *Outros escritos* (p. 248-264). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

- Lacan, J. (2008). O mito individual do neurótico ou poesia e verdade na neurose. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Le Guin, U. K. (2013). O livro da fantasia. In J. L. Borges, S. C. Ocampo, & A. Bioy (Orgs.), *Antologia da literatura fantástica* (p. 435-442). São Paulo, SP: Cosac Naify.
- Loureiro, I. R. B. (2000). A totalidade como ilusão: a concepção freudiana de ciência e o estilo romântico. *Ágora*, 3(2), 51-63. doi: 10.1590/S1516-14982000000200003
- Loureiro, I. R. B. (2002). O carvalho e o pinheiro: Freud e o estilo romântico. São Paulo, SP: Escuta.
- Machado, L. E. W. (2013). Vertentes do fantástico: do gótico à álgebra mágica. Petrópolis, RJ: KBR Editora Digital.
- Manna, N. (2014a). A chave azul: ação do leitor em textos fantásticos. *Galáxia*, 14(27), 214-226. doi: 10.1590/1982-25542014115762
- Manna, N. (2014b). A tessitura do fantástico: narrativa, saber moderno e crises do homem sério. São Paulo, SP: Intermeios.
- Masson, J. M. (1986). A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Maupassant, G. (2015). Magnetismo. In G. Maupassant (Ed.), *Contos fantásticos: o Horla e outras histórias* (p. 21-26). Porto Alegre, RS: LP&M.
- Mezan, R. (2014). O tronco e os ramos. *Estudos da História da Psicanálise*. São Paulo, SP: Companhia das Letras
- Nandorfy, M. (2001). La literatura fantástica y la representación de la realidad. In D. Roas (Ed.), *Teorías de lo fantástico* (p. 243-261). Madrid, ES: Arco/Libros.
- Plon, M., & Roudinesco, E. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Poe, E. A. (2013). A verdade sobre o caso de M. Valdemar. In J. L. Borges, S. C. Ocampo, & A. B. Casares (Eds.), *Antologia da literatura fantástica* (p. 367-374). São Paulo, SP: Cosac Naify.
- Quinet, A. (2005). A lição de Charcot. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Rancière, J. (2009). O Inconsciente estético. São Paulo, SP: Editora 34.
- Roas, D. (2014). A ameaça do fantástico: aproximações teóricas. São Paulo, SP: Unesp.
- Rouanet, S. P. (2003). Os dez amigos de Freud (Vol. 1). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Roudinesco, E. (1994). Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Schøllhammer, K. E. (2004). As imagens do realismo mágico. *Gragóata*, 16(1), 117-132.
- Siruela, J. (2013). *Antología universal del relato fantástico*. Girona, ES: Atalanta.
- Tavares, B. (2007). Freud e o estranho: contos fantásticos do inconsciente. Rio de Janeiro, RJ: Casa da Palavra.
- Todorov, T. (2011). A narrativa fantástica. In T. Todorov (Ed.), *As estruturas narrativas* (p. 147-166). São Paulo, SP: Perspectiva.
- Todorov, T. (2012). *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo, SP: Perspectiva.
- Walpole, H. (1996). O castelo de Otranto. São Paulo, SP: Nova Alexandria.

NOTAS

- [1] Consta nessas coletâneas trechos do Apocalipse bíblico e do livro sagrado do hinduísmo, Panchatranta, além de textos dos filósofos chineses Chuang Tzu e Lieh Tsè, dos séculos IV e III a.c.; do poeta chinês Niu Jiao, do século IX; do escritor romano Caio Petronio Árbitro, do século I, e do escritor espanhol Dom Juan Manuel, do século XIV, além de histórias das Mil e uma noites.